



O presente artigo é oriundo da experiência vivida por nós professoras, no Colégio Pedro II, no ano de 2015, na Unidade de Educação Infantil, em Realengo (UEIR), com uma turma de Grupamento II que abrange crianças de 4 anos.<sup>1</sup>

Apresentaremos neste espaço os projetos “*Eu-bicho – entre pêlos e Ca(belos) - A construção de um grupo*” e “*Maracatu - Príncipes e Princesas de diferentes reinos*”, que compuseram dois capítulos importantes na construção da história do grupo em questão. Uma história recheada de significados e conquistas, no que diz respeito a superação dos desafios que surgiram nos encontros entre crianças e adultos e na construção de suas identidades étnicas.

Narraremos os projetos citados acima, considerando três focos de atenção: a importância da observação e do registro no cuidado com as relações entre os sujeitos, a percepção das formas sutis de negação do outro e, por último, a potência das crianças na transformação da negação em aceitação e valorização dos sujeitos que corporificam suas diferenças nos espaços/tempos da educação infantil.

Traremos a seguir o percurso inicial do grupo e a observação de nossas primeiras interações para contextualizar os projetos que foram sendo definidos ao longo do ano.

### **O percurso inicial do grupo**

O início do ano letivo chegou e com ele nossa alegria, expectativa e desejo de conhecer as crianças, iniciar as relações e construir os projetos. Em nosso grupo éramos treze, uma professora de turma e doze crianças, oito novas na escola e quatro que já frequentavam a turma do GI, no ano anterior. A outra professora chegou logo na semana seguinte. Diante das novidades, da alegria de estar em um ambiente novo (seja para as crianças novas ou para as crianças que já frequentavam a escola) e de conhecer outras crianças e professores, a chegada à escola era marcada sempre com abraços e beijos,

---

<sup>1</sup> Os grupos denominados GII são compostos por crianças oriundas do GI e crianças recém-sorteadas para ingressarem no GII. Assim, estes grupos são mesclados, constituídos por crianças que já conhecem o cotidiano da escola e por crianças recém-chegadas no contexto da instituição.

muitas possibilidades de brincadeiras e interações e propostas que nos uniam e nos ajudavam a descobrir mais sobre nossas potencialidades e sobre o mundo que nos cerca.

Como é comum nos primeiros momentos da formação de um grupo, a curiosidade sobre o outro foi muito grande. A busca pelas descobertas das semelhanças e diferenças foi um movimento intenso. Durante estas descobertas foi recorrente a presença de estranhamentos e conflitos durante o estabelecimento do espaço e limites de cada um. A dificuldade em dividir os espaços, a liderança e os brinquedos era uma constante. Durante o dia, precisávamos parar as atividades várias vezes para resolver conflitos e disputas, e promover a conciliação entre as crianças, estimulando-as a falar o que queriam, a pedir emprestados os objetos de desejo e a esperar a vez.

Assim, buscar conhecer as particularidades da história de vida das crianças, as personalidades, as demandas de seus corpos, conhecer a história de suas famílias, foi uma necessidade pulsante para o estabelecimento de vínculos positivos neste grupo. Com o fluir dos nossos dias fomos identificando, adentrando e conhecendo as individualidades do grupo, para, assim, propor encaminhamentos que atendessem os sujeitos e o coletivo, entendendo que a diversidade é potencializadora das relações e das aprendizagens dos sujeitos adultos e crianças do grupo.

Um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades (...)

Um grupo se constrói no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante: da timidez de um, do afobamento do outro; da serenidade de um, da explosão do outro; do pânico velado de um, da sensatez do outro; da serenidade desconfiada de um, da ousadia do risco do outro; da mudez de um, da tagarelice de outro; do riso fechado de um, gargalhada debochada do outro; dos olhos miúdos de um, dos olhos esbugalhados do outro; da lividez do rosto de um, do encarnado do rosto do outro (...)

Um grupo se constrói não na água estagnada do abafamento das explosões, dos conflitos. (FREIRE, 2008, pg 104)

Percebemos ao longo do tempo, após mediarmos determinadas relações, que alguns estranhamentos poderiam ter origem na dificuldade de receber o outro e se reconhecer no grupo com suas características físicas no que diz respeito à cor de pele. O nosso grupo era composto, quase em sua totalidade, por crianças de pele na tonalidade mais claras, tendo apenas duas crianças de pele com a tonalidade mais escura.<sup>2</sup>

Uma destas crianças era o João<sup>3</sup>. No primeiro e no segundo dia na escola se dedicou tranquilamente a descobrir os brinquedos da sala e, a partir do terceiro dia

<sup>2</sup> Consideramos a tonalidade da cor porque compreendemos importante demarcar a minoria deste grupo de crianças no todo da escola.

<sup>3</sup> O nomes trazidos no texto são fictícios a fim de preservar as crianças.

passou a reagir de forma agressiva com os colegas e com as professoras. Observando esta mudança drástica de comportamento, passamos a acompanhar mais de perto os momentos de brincadeiras livres no pátio, as nossas rodas de conversa e o faz de conta, a fim de perceber algum gesto sutil por parte dele ou dos amigos que explicassem as ações reativas.

Começamos a notar algumas falas e situações que nos fizeram refletir e traçar propostas para trabalharmos tais questões. Larissa, uma das colegas do grupo mostrou muita resistência aos convites de João para brincar. Quando aceitava, criava situações em que ela podia comandá-lo de alguma maneira. Certo dia, após as crianças terem brincado no pátio e estarem muito suadas, outra menina, Ana, disse a João: “Saia daqui, você estánojento!”. Entretanto, Ana aceitava estar próxima de outras crianças na mesma situação.

Em paralelo a esta questão, Mariana, a outra criança de pele mais escura que as demais aparecia no grupo com determinadas ações que nos chamava bastante a atenção. Nos primeiros meses de aula, observamos que Mariana estava sempre na posição de observadora ou de coadjuvante nas atividades organizadas pelas professoras e nas brincadeiras organizadas pelas crianças. Diariamente, ela solicitava às professoras que lessem para ela a história: *“Menina bonita do laço de fita”*. Nestes momentos seus olhos brilhavam e o sorriso estava sempre em seus lábios.

Mariana gostava de mexer nos cabelos lisos de outras meninas que se sentiam empoderadas e chegavam à escola sempre com um penteado novo ou presilhas novas no cabelo. Já Mariana estava sempre com o cabelo de trancinha ou rabo de cavalo. Mariana manifestou, algumas vezes, não gostar de determinados penteados. Em certa ocasião, combinamos que no dia seguinte tomaríamos banho de mangueira e, assim, todas as crianças vieram preparadas para este momento. Entretanto, quando chegou este dia o tempo não estava bom, tivemos assim que cancelar tal proposta. Conversamos com as crianças sobre o motivo, mas Mariana ficou extremamente tocada e saiu correndo para se esconder no solário. Fomos ao seu encontro e perguntamos: “O que houve? Calma!” Mariana disse: “Estou muito triste, pois minha mãe amarrou meu cabelo assim só porque ia ter banho de mangueira” e em meio a conversa, Mariana disse que não gostava daquele penteado. Era um rabo de cavalo simples.

A partir de situações como estas passamos a refletir e nos questionar. Será a reação de João e Mariana consequência do movimento sutil de negação de suas diferenças por parte de alguns colegas? Seria algo novo para elas ou já traziam estas questões de outros contextos? Como abordaríamos tais questões para potencializar

nossos encontros nesta turma como oportunidade de valorização pessoal e, possivelmente, de transformação social?

Inicialmente tínhamos muitas dúvidas, pois era uma experiência muito singular para nós professoras da turma e o cuidado e o acolhimento das crianças era nosso principal objetivo.

### **Projeto: *Eu-bicho – entre pêlos e Ca(belos) - A construção de um grupo***

Costa (1986) enfatizou a idéia de identidade como o sentimento que emerge do corpo, em sua existência física, muscular e visceral. O autor vê na imagem do corpo o fundamento da identidade pessoal. A identidade surge, concomitantemente, como correlato da imagem do corpo ou dos estímulos físicos dele provenientes e como ponto de condensação dos papéis do indivíduo em sua interação social. (Bento, 2012, p. 111)

Assim, a partir das observações feitas nos primeiros dias, resolvemos transformar esta questão da aproximação/estranhamento em projeto de autoconhecimento e reconhecimento dos outros, nos pautando nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013, p. 99) que afirma que as propostas pedagógicas da educação infantil devem garantir experiências que “promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança”

Aproveitamos, o grande interesse apresentado pelas crianças pelos animais e criamos o projeto *Eu-bicho – entre pêlos e Ca(belos) - A construção de um grupo*. Nossa intenção era a de que através das brincadeiras em que nos transformavam em “famílias de animais”, descobríssemos o prazer do toque, o cuidado com o outro e nos fortalecêssemos enquanto grupo. Para isto, lançamos mão de algumas estratégias.

Apostamos no faz de conta e investimos na construção de relações positivas entre os indivíduos que refletiria no coletivo, reafirmando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013, p. 99) que orienta que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras.”

Neste sentido, considerando estes dois eixos e as observações feitas de cada criança e do grupo como um todo pensamos em algumas estratégias para ampliar e diversificar as possibilidades de encontro entre as crianças e os adultos.

*A visita dos bichos de pelúcia:*

Percebemos que em meio ao nosso dia a dia algumas crianças traziam de casa alguns bichos de pelúcia e quando isso acontecia tal objeto se tornava um personagem no nosso cotidiano. Assim, optamos por partir dos bichos de pelúcia das crianças para identificarmos algumas distinções entre os animais. Solicitamos que todas as crianças trouxessem um bicho de pelúcia e propomos algumas experiências. Passamos por diversos momentos vividos com muito interesse pelas crianças: apresentação do seu bicho, faz de conta com a participação do mesmo, desenho, pintura, troca-troca, preparação de uma festa para os bichos, a construção de uma caverna para todos da festa, construções de conceitos matemáticos, a partir da observação das diferenças físicas de tamanho, cor e pele, dentre outras. O grande baile a fantasia com os animais: esta experiência foi valiosíssima para a construção dos vínculos, das possibilidades de relações e da construção de aprendizagens.

#### *Faz de conta:*

O faz de conta sempre fez parte do nosso cotidiano. Adorávamos brincar de imitar os bichos, seus sons, gestos e movimentação. Criávamos famílias de animais, as professoras eram convidadas a serem as mães e as crianças negociavam os demais papéis entre elas. Tinha pai, irmão, irmã e tios. Faziam uso de diferentes espaços, seja a casinha montada na nossa sala, o nosso solário, o solário do outro lado da nossa sala ou mesmo o pátio da escola. Usamos diferentes objetos para compor nossos cenários: cangas, fantasias, panelinhas, os brinquedos da sala, as almofadas. Usamos, também, a pintura de rosto com o lápis aquarelável para compor nossos personagens. As crianças pediam cotidianamente para serem “transformadas”. Usamos tal recurso e panos gigantes para fazer tocas e cavernas em que viveríamos nossas histórias.

#### *Nós e os animais:*

Em meio ao projeto, fomos ao Zoológico. Foi uma experiência muito rica, como se estivéssemos encontrando com velhos conhecidos. Pudemos conhecer outros animais, perceber suas características e compará-las, perceber os diferentes ambientes em que vivem e explorar o espaço livre do zoológico.

Na volta, enquanto observávamos as diferenças entre os animais, reparávamos também as nossas próprias diferenças e semelhanças enquanto humanos. Utilizamos as fotos das crianças do tempo de bebês e as fotos atuais. Este foi um recurso essencial para exploração. As crianças contaram, orgulhosas, como tinham sido quando bebês.

Era tanto conhecimento sobre a própria história que resolvemos criar um programa de entrevista.

*O Jornal dos Backardigans e o Jornal dos Heróis* (nome dado pelas crianças):

A postura das crianças diante da câmera foi imperdível! Tentavam buscar as melhores palavras e gestos para imitar os adultos que veem na TV. Assim, todos tiveram a oportunidade de ser o repórter e o entrevistado ampliando assim: “a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas” proposta prevista nas (DCNEI, 2010, p. 26)

*Salão de beleza:*

Observamos que João tinha muita curiosidade pelos cabelos das meninas e era comum puxá-los de forma a machucar as colegas, causando alguns conflitos. Além destas situações, o fato de Mariana ter manifestado seu incômodo em relação há alguns penteados, pensamos em construir um espaço de brincadeiras de embelezamento e de “descabelamento”. Com o uso de um espelho e uma fruteira de plástico separamos pentes, presilhas de cabelo, secadores de brinquedo e revistas com penteados e cortes variados, incluindo revistas com penteados afros. Este espaço foi criado pelas professoras e transformado pelas crianças com muita alegria. A frequência e animação das brincadeiras era constante. Observamos como meninos e meninas tiveram prazer em cuidar um dos outros. João estava sempre presente nestas brincadeiras e passou a tocar de forma carinhosa nos cabelos das meninas.



***Projeto: “Maracatu - Príncipes e Princesas de diferentes reinos”***

No final do primeiro semestre, observamos que as crianças já haviam criado vínculos mais fortes de confiança e que duplas, trios e pequenos grupos se formavam para a realização das brincadeiras. Diferente dos primeiros meses, porém, a liderança das brincadeiras do maior grupo passou a girar em torno de Ana<sup>4</sup>. Por muitas vezes, observávamos o incômodo das demais crianças que desejavam ser ouvidas por ela e

---

<sup>4</sup>Ana era a menina de pele mais escura do grupo.

mediávamos estas situações sempre pedindo para que ela ouvisse as ideias dos colegas também. Neste período, Mariana já disputava este espaço de liderança com Ana, quando em um dia, estavam brincando de castelo e Mariana achou uma varinha de Fada. Ana disse que ela é que queria ser a fada. Neste momento, tentamos tranquilizá-la pedindo que esperasse e que chegaria a sua vez, que traríamos outras varinhas no dia seguinte. Mas, ela começou a gritar e a chorar insistentemente e não aceitou dividir este papel com Mariana.

Atentas e questionadoras sobre os sentidos produzidos em torno deste episódio que chamamos de “ Eu sou a Fada”! e, considerando outros momentos de exclusão de Mariana por parte de Ana em outras brincadeiras, nós professoras começamos a refletir sobre o nosso papel diante do desenho de dominação étnico racial que eram expressos em nosso grupo.

O enfrentamento de tais indagações demanda que a educação infantil, como de resto a educação escolar como um todo, seja considerada a partir de dois ângulos distintos e complementares: o primeiro como espaço dentro do qual deve ser assegurada a interação respeitosa e positiva com a diversidade humana, adequando-se os espaços físicos, materiais didáticos e paradidáticos e preparando-se educadoras e funcionários para serem agentes de promoção da diversidade; o segundo ângulo situa a educação infantil como instrumento de transformação social no sentido em que prepara a infância para valorar positivamente a diferença, dissociando diferença de inferioridade de tal sorte que a médio e longo prazo o preconceito e a discriminação sejam erradicados da sociedade.. (Bento, 2012, p. 70)

Resolvemos retomar a temática das princesas, apresentadas em diferentes brincadeiras na turma e a paixão pelo personagem da Elsa do filme *Frozen*, recém-lançado, para trabalhar um pouco a história de constituição do povo brasileiro com as crianças e, colocar em cheque, o que sabíamos sobre ser príncipes, princesas e outros personagens dos Contos Clássicos.

Com a iminência da Festa da Cultura<sup>5</sup>, tínhamos o desafio de pensar em uma manifestação cultural brasileira que trouxesse as figuras das princesas e dos príncipes, mas, que, também, nos ajudasse a trabalhar estas questões da valorização das diferenças e do empoderamento das crianças do grupo.

Foi quando, pesquisando na internet, descobrimos o Maracatu, uma festa/dança/brincadeira popular que surgiu em Pernambuco na época da escravidão e que, nos dias de hoje, é dançada e festejada em diferentes estados do nosso país e do mundo.

---

<sup>5</sup> Festa de frequência anual, na qual são privilegiadas as temática ligadas a cultura popular.

## **Escolhas e decisões importantes no projeto**

Considerando a importância de se repensar o protagonismo branco nas histórias literárias, nas manifestações festivas brasileiras, optamos pela pesquisa e pela composição de cenários que valorizassem a diversidade de nosso grupo.

\* Investigamos e selecionamos vídeos explicativos e vídeos com a apresentação de diferentes Nações de Maracatu do país para nos informarmos e para apresentar para as crianças, a fim de que se familiarizassem com os rituais da dança, com os personagens apresentados, os instrumentos musicais e as toadas (canções). A partir da primeira seleção de vídeos, escolhemos a “Nação Porto Rico” para investigar com mais atenção e os elementos que ela valorizava em seus desfiles.

\* Construímos e contamos para as crianças uma história de fantoche na qual apresentávamos um pouco da história do nascimento do Maracatu. Nesta história, como pesquisamos, cuidamos para que a Rainha e o Rei de Portugal (Branco) se encontrassem com a Rainha e o Rei do Congo (negro) e que, a partir deste encontro e de algumas dificuldades nesta relação de poder, os negros fossem coroados por um dia e pudessem desfilar com as vestimentas dos reis oficiais pelas ruas da cidade, como ocorre até hoje, nos cortejos de Maracatu.

\* Nas aulas de música, brincamos de desfilar como um cortejo ao som de “Moleca Levada” (Palavra Cantada) e utilizamos os instrumentos para aguçar nossos ouvidos e movimentos. Nas aulas de artes começamos a produzir um estandarte e as fantasias.

\* Lançamos a proposta de dançarmos Maracatu na festa da escola e convidamos Mariana para que pudesse representar a rainha Africana e João para representar o rei, porém, este preferiu ser da banda. As demais crianças escolheram com satisfação seus personagens, dividindo-se além da banda em príncipes, princesas, porta-estandarte e outras.

Ao longo de todo o processo nos perguntávamos o tempo inteiro como as crianças estavam se relacionando com todas as informações e vivências novas. Em determinado momento dos ensaios, uma menina, Julia, nos perguntou por que Mariana seria a rainha e não ela. Neste momento, nos questionamos se estaríamos certas em não abrir mão do lugar de Mariana no centro da cena. Conversamos com Julia que, como era uma espécie de teatro e a Rainha do Maracatu na história era negra, oferecemos este papel para ela que havia aceitado com muita alegria. Julia pareceu compreender o critério usado naquele momento e, também, ficou feliz com sua saia rodada de princesa e sua coroa, assim como as demais meninas.



\* Produzimos uma boneca gigante que representaria a Rainha do Congo, principal personagem do Maracatu e que seria exposta próximo a nossa sala, chamando a atenção dos convidados para o nosso trabalho. Para esta confecção investigamos fotografias e diferentes técnicas de artes plásticas, para escolher como deveria ser seu cabelo, suas roupas, a cor de sua pele e seus enfeites.

### **Considerações Finais**

Ao final do projeto Maracatu - Princesas e príncipes dos diferentes reinos, percebemos que muito ainda precisaria ser feito para que as relações no grupo se ampliassem em torno do respeito e valorização das diferenças e, então concluímos que a atenção às histórias dos sujeitos e a questão do acolhimento e da valorização das diferenças dentro dos grupos não poderia ser trabalhada em um ou dois projetos específicos durante o ano, mas, ao longo de todos os dias do ano. Percebemos que a igualdade de oportunidades e o empoderamento das crianças e adultos se dá em cada gesto, em cada escolha e em cada palavra do cotidiano.

Guardamos conosco apenas algumas poucas certezas que estão diretamente ligadas à observação atenta aos gestos e frases de satisfação de João, Mariana e das outras crianças, em momentos nos quais foram surpreendidos com a novidade de verem os amigos de pele negra como protagonistas. Não temos dúvidas sobre o olhar, o sorriso maroto e a frase: “Ah, aí sim! Isto é que é uma princesa bonita!” dita por João ao ver o fantoche de princesa negra saindo da caixa.

Outra certeza que temos, foi estabelecida no dia da Festa da Cultura. Jamais esqueceremos o orgulho e o brilho no olhar da mãe, da madrinha e da avó, ao verem Mariana ser coroada Rainha no centro do pátio da escola.

As dúvidas, outras, vividas durante todo o processo de escolhas e encaminhamentos, acreditamos que precisam permanecer todos os dias entre nós professores, pais e crianças. Acreditamos que um ano é muito pouco para mudarmos a história de um país, mas, foi essencial para mudar a história de duas professoras e de doze crianças de forma marcante.

## Referências Bibliográficas

BENTO. Maria Aparecida. A identidade Racial entre Crianças Pequenas In Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade: Aspectos jurídicos, políticos, conceituais. São Paulo, 2012. Disponível em: [portal.mec.gov.br/docman/agosto-2012-pdf/11283-educacao-infantis-conceituais](http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2012-pdf/11283-educacao-infantis-conceituais)

BRASIL . Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica*. Conselho Nacional da Educação. *Câmara Nacional de Educação Básica*. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e terra, 2008.

DORNELLES, Leni Vieira. “Tu não pode ser Princesa” Corpos, Brinquedos e subjetividades. In: Modos de Brincar - caderno de atividades, saberes e fazeres / [organização Ana Paula Brandão, Azoilda Loretto da Trindade]. - Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010.il. (A cor da cultura ; v.5)

GUEDES. Adrianne Ogeda. Corpo na Escola. Experiencias alternativas. O corpo nosso de cada dia. O corpo na escola. ano xviii boletim 04 - Abril de 2008. Disponível em : <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/181924Corponaescola.pdf>. Acesso em: 10/08/2015

## SOBRE AS AUTORAS:

**Rafaela Barros** é graduada em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014), onde participou do projeto de Iniciação a Docência denominado: "Suportes Educacionais para alunos com Necessidades Especiais: contextualizando o espaço da sala de recursos" durante dois anos. Tal projeto é coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edicléa Mascarenhas Fernandes e é oriundo do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Educação Especial e Inclusiva - NEEI/UERJ. Desenvolve estudos relacionados à Educação Especial e Inclusiva, com artigos apresentados em espaços de discussões nacionais (congressos e eventos) da área. Temas de pesquisa: educação especial na perspectiva da educação inclusiva, a política pública de sala de recursos multifuncionais, a organização das sala de recursos multifuncionais, a formação inicial e continuada do professor de sala de recursos e a avaliação de inserção de alunos na sala de recursos.

**Tatiana Mello** é professora da Educação Infantil do Colégio Pedro II, desde 2013. Atuou na Educação Infantil da rede privada de 1999 a 2005 e na rede pública municipal do Rio de Janeiro de 1999 a 2013, exercendo, nesta última, as funções de professora do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, coordenadora pedagógica, professora articuladora de creche e como elemento da equipe de Gerência de Educação da Secretaria de Educação. Coursou a graduação em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Pós-graduação com especialização em Educação Infantil e Mestrado em Educação Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.